

CARLOS PEREIRA GOMES

**ACIDENTES DE TRABALHO COM PROFISSIONAIS DE
ENFERMAGEM EM HOSPITAIS: UMA REVISÃO CRÍTICA
DA LITERATURA**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2011

CARLOS PEREIRA GOMES

**ACIDENTES DE TRABALHO COM PROFISSIONAIS DE
ENFERMAGEM EM HOSPITAIS: UMA REVISÃO CRÍTICA
DA LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à coordenação do curso de
Especialização em Terapia Ocupacional da
UFMG.

Orientadora: Profa. Dra. Marcella
Guimarães Assis Tirado.

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2011

G633a Gomes, Carlos Pereira
2011 Acidentes de trabalho com profissionais de enfermagem em hospitais: uma
revisão crítica de literatura. [manuscrito] Carlos Pereira Gomes – 2011.

32 f., enc.

Orientadora: Marcella Guimarães Assis Tirado

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 31 - 32

.. Doenças profissionais. 2. Enfermeiros. 3. Terapia ocupacional. I. Tirado, Marcella
Guimarães Assis. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação
Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 615.8

**Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física,
Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL

DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): _____

Título: _____

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado

em ____ / ____ / ____ ,

Orientador ou Orientadora:

Assinatura: _____

Nome/Instituição: _____

Avaliador ou Avaliadora:

Assinatura: _____

Nome/Instituição: _____

Coordenador Geral da Comissão Colegiada do
Curso de Pós-Graduação Lato Senso
“Especialização em Terapia Ocupacional” da
UFMG

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e irmãos Leandro e Felipe e meu amigo Wadson pelo incentivo.

À professora Marcella pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

RESUMO

Esta pesquisa de revisão bibliográfica teve como objetivo discutir os acidentes de trabalho com a equipe de enfermagem em hospitais no Brasil. A busca do material foi realizada por meio da busca eletrônica de artigos indexados na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), utilizando os seguintes descritores: equipe de enfermagem, riscos ocupacionais, acidentes de trabalho. Os critérios de inclusão para a seleção dos artigos foram a publicação no período de 2004 a 2010, no idioma português. Foram encontrados 14 artigos, dos quais os resumos foram lidos e selecionados 10 para análise e discussão. Os resultados são discutidos considerando o material biológico, material perfurocortante, distúrbios osteomusculares, e carga química envolvidos nos acidentes. Concluiu-se que conhecer a epidemiologia destes acidentes e o correto uso dos equipamentos de proteção individual contribuem para a diminuição da exposição a riscos ocupacionais.

Palavras-chave: Riscos ocupacionais. Acidentes de trabalho. Enfermagem.

ABSTRACT

This survey of literature review aimed to discuss the accidents at work with the nursing staff in hospitals in Brazil. The pursuit of material was performed by electronic search of articles indexed in the database Latin American and Caribbean Health Sciences (LILACS) using the following descriptors: nursing staff, occupational hazards, accidents at work. Inclusion criteria for the selection of articles were published in the period 2004 to 2010, the Portuguese language. Found 14 items, of which the abstracts were read and selected 10 for analysis and discussion. The results discussed considering the biological material, needlestick injuries, musculoskeletal disorders, and chemical load. In the discussion of an article that discusses the relationship of the accident with the procedure performed. It was concluded that the epidemiology of these accidents, the correct use of personal protective equipment helps reduce exposure to occupational hazards.

Keywords: Occupational risks. Work accidents. Nursing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
METODOLOGIA	10
RESULTADO	11
DISCUSSÃO	23
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

A enfermagem é uma atividade nascida da necessidade do homem de cuidar da saúde, sendo de certa maneira tão antiga quanto o ser humano. No início, estes cuidados eram muitas das vezes de cunho caritativo e somente a partir da segunda metade do século XIX, com Florence Nightingale, e sua percepção em relação às péssimas condições dos hospitais da época é que a enfermagem se transformou radicalmente, buscando racionalizar sua prática, por meio de um trabalho com bases científicas (FERNANDES, 2006).

Desde então, não somente os hospitais e a atuação da enfermagem sofreram mudanças, mas o contexto social e político vem há décadas sendo inteiramente influenciado pelo modo capitalismo. As relações estabelecidas no capitalismo interferem na forma de ser e agir dos indivíduos, nas inovações tecnológicas e nas transformações do mundo globalizado acarretando mudanças no modo de viver das pessoas, inclusive no âmbito profissional (DAL PAI, 2005).

O hospital tornou-se uma empresa prestadora de serviços, onde a divisão de trabalho sofre enorme influência dos modelos administrativos preponderantes. Com a enfermagem inserida no hospital, a atuação do enfermeiro passou pela normatização de rotinas e procedimentos técnicos. A função administrativa do enfermeiro está prevista na Lei nº 7498, de 25 de junho de 1986, que regulamenta o exercício do profissional de enfermagem. O Art. 11 define o que cabe prioritariamente ao enfermeiro em relação à função de gerenciamento citando, por exemplo: planejamento, organização, coordenação, execução e avaliação dos serviços de assistência de Enfermagem (COREN 1997).

Desta maneira o serviço da enfermagem apresenta descrições detalhadas dos passos a serem seguidos nas atividades desenvolvidas, bem como dos agentes que devem desempenhá-las. Isso se mostra presente também nas escalas diárias de divisão de tarefas.

Cabe ressaltar que os profissionais da enfermagem, muitas vezes, se sobrecarregam com as funções administrativas, o acúmulo de cargos, o

estresse psicológico, a falta de espaços adequados ao repouso e o cansaço físico, ocasionando problemas à saúde destes trabalhadores (FERNANDES, 2006).

Além das questões relacionadas ao acúmulo de funções e excesso de carga horária, o profissional de enfermagem está exposto às doenças ocupacionais e ao acidente profissional com material biológico que inclui a exposição a sangue e/ou fluidos orgânicos no ambiente de trabalho, já que lida frequentemente com material perfurocortantes além do risco de exposição de mucosa (GOMES, 2009).

Diante do fato de que as doenças ocupacionais e os acidentes de trabalho constituem um importante problema de saúde pública em todo o mundo torna-se necessário refletir sobre tais questões, além de promover discussões com os profissionais de enfermagem para uma análise crítica dos riscos ocupacionais à sua saúde, bem como intervir na melhoria das condições e dos processos de trabalho e na conscientização sobre a importância das medidas de proteção individual.

A partir do exposto, este estudo de revisão de literatura objetiva discutir os acidentes de trabalho com a equipe de enfermagem em hospitais no Brasil.

METODOLOGIA

A revisão crítica de literatura foi realizada por meio da busca eletrônica de artigos indexados na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), utilizando os seguintes descritores: equipe de enfermagem, riscos ocupacionais, acidentes de trabalho. Para a seleção foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados no período de 2004 a 2010, no idioma português. Foram encontrados 14 artigos, dos quais os resumos foram lidos e selecionados 10 para análise e discussão.

RESULTADOS

ARTIGO/AUTOR/ ANO	OBJETIVO	AMOSTRA	PROCEDIMENTO	RESULTADO
<p>Ocorrência de Acidente do Trabalho em Uma Unidade de Terapia Intensiva.</p> <p>NISHIDE, Vera Médice; BENATTI, Maria Cecília Cardoso; ALEXANDRE, Neusa Maria Costa.</p> <p>2004.</p>	<p>Identificar os acidentes do trabalho ocorridos com os trabalhadores de enfermagem de uma Unidade de Terapia Intensiva e, verificar a relação dos acidentes do trabalho com o procedimento que estava sendo executado pelo trabalhador no momento do acidente.</p>	<p>Todos os trabalhadores lotados no quadro contratual de pessoal de enfermagem de uma Unidade de Terapia Intensiva de um hospital universitário. No total foram 68 trabalhadores 30 enfermeiros; 13 técnicos de enfermagem; 25 auxiliares de enfermagem.</p>	<p>Foi utilizado um questionário que foi desenvolvido tendo como suporte teórico bibliográfico sobre o tema.</p> <p>Contendo:</p> <p>Causas;</p> <p>Agentes causadores;</p> <p>Local de ocorrência;</p> <p>Procedimento executado no momento do acidente;</p> <p>Utilização de equipamento de Proteção Individual (EPI);</p> <p>Motivos;</p> <p>Segundo a opinião dos trabalhadores;</p> <p>Horário e notificação.</p> <p>Ocorreu no período de fevereiro de 2000 a janeiro de 2001.</p>	<p>44% pertenciam à categoria de enfermagem, 63% auxiliar de enfermagem, 88% eram do sexo feminino, 50% casados, 50% tinham idade de 30 a 40 anos. Tinham de 3 a 15 anos na atual função, 53% eram do plantão noturno, 31% tinham outro emprego, 43% maior índice de outro emprego no plantão da tarde, 28% freqüentavam escola regularmente.</p> <p>Trinta trabalhadores se acidentaram no trabalho, índice de 44%, sendo: 48% auxiliar de enfermagem, 43% enfermeiros e 39% técnicos de enfermagem.</p> <p>40% dos acidentes ocorreram com materiais perfurocortantes</p> <p>40% dos acidentes perfurantes com agulhas, 7% dos acidentes foram devido ao piso molhado.</p> <p>60% dos acidentes ocorreram durante a realização de procedimentos a beira do leito, 23% posto de enfermagem, 10% desprezando excretas no vaso sanitário e 7% no corredor por piso molhado.</p> <p>Em relação aos EPI's no momento dos acidentes, 40% faziam uso e 60% não o Utilizavam.</p> <p>83% dos acidentes não foram notificados e 17% foram notificados.</p> <p>Dos não notificados: 28% acidentes sem risco; 24% com contatos com sangue; 12% muita burocracia; 12% não graves; 8% desinteressados; 4% plantonista da UTI descartou a necessidades; 4% medo e 4% plantão com intercorrências.</p>

ARTIGO/ AUTOR/ANO	OBJETIVO	AMOSTRA	PROCEDIMENTO	RESULTADO
<p>Riscos de contaminação ocasionados por acidente de trabalho com material perfurocortante entre trabalhadores de enfermagem.</p> <p>MARZIALE, Maira Helena Palucci; NISHIMURA, Karina Yukari Namioka; FERREIRA, Monica Miguel.</p> <p>2004.</p>	<p>Identificar entre os trabalhadores de enfermagem, acometidos por inoculações acidentais, durante o ano de 1999, em quatro hospitais da região de Ribeirão Preto/SP, aqueles contaminados pelos vírus HBV, HCV e HIV e as conseqüências de tais contaminações</p> <p>Identificar as condutas adotadas frente a exposição ocupacional ao sangue e fluídos corpóreos dos trabalhadores de enfermagem.</p>	<p>Trinta trabalhadores de enfermagem acidentados no ano de 1999 em quatro hospitais da região de Ribeirão Preto/SP, os quais tiveram os acidentes notificados através da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT) e que seguiram ao atendimento no Serviço Especializado (SE).</p>	<p>Dados coletados no primeiro semestre de 2001, através de observação documental junto a CAT e dos prontuários médicos dos trabalhadores, sendo identificados os dados gerais do acidente, as causas e as providencias realizadas.</p>	<p>90% dos acidentados eram do sexo feminino e 10% do sexo masculino.</p> <p>66,66% trabalhavam no hospital universitário 13,33% trabalhavam em um hospital de Ribeirão Preto; 13,33% trabalhavam em um hospital de Batatais e 6,68% trabalhavam em um hospital de Sertãozinho</p> <p>73,33% trabalhavam em turnos alternantes entre os períodos manha, tarde e noite e 26,66% trabalhavam em turnos fixos, sendo 13,33% no turno da manha, 6,66% no turno da tarde e 6,66% no turno da noite.</p> <p>30% atuavam em unidade de internação de clinica médico-cirúrgica, 16,66% em clinica médica, 10% em Unidade de DSTs, 10% em Centro Cirúrgico, 6,66% em Clinica Cirúrgica, 6,66% em Pediatria, 6,66% em Neurologia e 3,33% em Unidades de Terapia Intensiva.</p> <p>Dos trabalhadores acidentados 3,33% tiveram resultado positivo para o vírus HIV e 96,67% negativo.</p> <p>Não foi constatado nos prontuários nenhum caso de contágio pelos vírus HBV, HCV e HIV. Os resultados obtidos levaram a considerar reavaliação do controle dos retornos no serviço estudado.</p>

ARTIGO/ AUTOR/ 2005	OBJETIVO	AMOSTRA	PROCEDIMENT O	RESULTADO
<p>Exposição dos trabalhadores de enfermagem às cargas químicas em um Hospital público universitário da cidade de São Paulo.</p> <p>COSTA, Taiza Florêncio; FELLI, Vanda Elisa Andrés.</p> <p>2005.</p>	<p>Identificar a exposição às cargas químicas segundo a percepção de trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário. Evidenciar os problemas de saúde, percebidos pelos trabalhadores de enfermagem, na interação com essas cargas. Analisar as sugestões dos trabalhadores de enfermagem, no que se refere à redução ou eliminação dos problemas de saúde relacionados à exposição.</p>	<p>665 trabalhadores de enfermagem do hospital universitário da Universidade de São Paulo, HU - USP, lotados em 17 unidades assistenciais.</p>	<p>Aplicação do questionário sobre a exposição às substâncias químicas, divididas em quatro tipologias:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) substâncias químicas em geral, 2) medicamentos usados, 3) poeiras e fumaças, e 4) exposição aos materiais de borracha. <p>Ocorreu no período de dezembro de 2001 a marco de 2002.</p>	<p>Dos 665 enfermeiros, somente 430 responderam ao questionário. Os trabalhadores estão expostos a 145 substâncias químicas, distribuídas da seguinte maneira nos quatro grupos de tipologia: Substâncias do tipo 1 com 16,55%; substâncias do tipo 2 com 75,86%, substâncias do tipo 3 com 6,90% e do tipo 4 0,69%.</p> <p>Verifica-se na que para as substâncias do primeiro tipo os sabões foram citados por 303 (70,47%) participantes do estudo, o álcool entre as substâncias do segundo tipo por 225 (52,33%), como substâncias do terceiro tipo as poeiras por 122 (28,37%) e para as substâncias do quarto tipo o látex das luvas foi citado por 78 sujeitos (18,14%).</p> <p>Quanto aos problemas de saúde referidos pelos trabalhadores, 58,14% relataram problemas de pele, 56,98% problemas do sistema respiratório e 17,44% do sistema nervoso.</p>

ARTIGO/AUTOR/ ANO	OBJETIVO	AMOSTRA	PROCEDIMENTO	RESULTADO
<p>Doenças do Sistema Osteomuscular em trabalhadores de enfermagem.</p> <p>MUROFUSE, Neide Tiemi; MARZIALE, Maria Helena Palucci.</p> <p>2005.</p>	<p>Levantar o número de atendimentos efetuados pela divisão de assistência a saúde do trabalhador aos profissionais de enfermagem; Identificar os diagnósticos médicos, apresentados pelos trabalhadores relacionados ao sistema osteomusculares; Comparar os diagnósticos encontrados as doenças ocupacionais inserida na Lista das doenças relacionadas ao trabalho do Ministério da Saúde; Identificar entre os diagnósticos médicos encontrados, aqueles que poderiam ser considerados como LER/DORT.</p>	<p>4.307 trabalhadores de enfermagem. Sendo: 469 enfermeiros; 97 técnicos de enfermagem; 3.405 auxiliares de enfermagem e 336 atendentes de enfermagem espalhados nas 23 instituições assistenciais da Fundação Hospitalar Estadual de Minas Gerais (FHEMIG).</p>	<p>Coleta de dados realizada por meio de um levantamento feito nos mapas de atendimentos e prontuário médico dos trabalhadores, com a utilização de um instrumento composto por duas partes. Primeira: idade, sexo, categoria profissional e local de trabalho. A segunda referente ao tipo de atendimento e o diagnóstico médico.</p> <p>A pesquisa foi realizada em 23 Instituições de Saúde em 2002.</p>	<p>Motivação: Consultas médicas 22,6%, exames periódicos 7,5%, perícias médicas por problema de saúde 66,7%, perícias por acidente de trabalho 3,3%.</p> <p>Fatores que influenciam o estado de saúde e a procura pelo serviço de saúde: 20,15%, doenças do sistema osteomuscular 11,83%, transtornos mentais e comportamentais 11,40%, doenças do aparelho respiratório 10,69%, doenças do aparelho respiratório 8,62%, lesões, envenenamentos e outras consequências de causa externa 8,25%. Artroplastia 16,6%, dosopatias 50,7%, transtornos dos tecidos moles 27,5%. Artroplastia 2%, dorsopatias 58,4% e transtorno dos tecidos moles 39,6%.</p>

ARTIGO/ AUTOR/ANO	OBJETIVO	AMOSTRA	PROCEDIMENTO	RESULTADO
<p>Acidentes com material biológico entre profissionais de hospital universitário em Goiânia.</p> <p>GUILARDE, Adriana Oliveira; OLIVEIRA, Ana Maria de; TASSARA, Marianna; Oliveira, Bethania de; ANDRADE, Sabrina Sgambatti de.</p> <p>2010.</p>	<p>Descrever as principais características dos acidentes com material biológico ocorridos com profissionais do Hospital das Clínicas da Universidad e Federal de Goiás (HC/UFG).</p> <p>Apresentar as medidas adotadas e o seguimento pós-exposição.</p>	<p>46 profissionais de saúde do HC/UFG vítimas de acidente profissional com material biológico.</p>	<p>Dados obtidos com base de informações rotineiramente registradas nas fichas de atendimento dos pacientes acompanhados no ambulatório de Infectologia da UFG no período de janeiro de 2006 a maio de 2007. Utilizou-se um questionário padronizado e estruturado, contendo informações sobre as variáveis demográficas e de exposição que caracterizam o perfil do profissional e do acidente ocorrido.</p>	<p>Foram acompanhados 46 profissionais de saúde sendo que a maioria deles (74%) era do sexo feminino; metade eram técnicos de enfermagem, seguidos por bolsistas /acadêmicos de enfermagem e técnicos de laboratório (28%) e profissionais de serviços gerais (15%). Foram registrados apenas três acidentes (6,5%) na equipe médica e não houve notificação de acidente envolvendo enfermeiros. A maior frequência de acidentes ocorreu nas clínicas: cirúrgica (sete casos) e médica (sete casos), totalizando 30% nas duas clínicas, vindo em seguida o Pronto Socorro (11%) e a Maternidade (11%).</p> <p>Quanto ao tipo de exposição, observou-se predominância da percutânea (87%), sendo 33 (72%) casos considerados acidentes não graves. Quanto à caracterização do acidente, 36 (78%) ocorreram com agulha com lúmen, 18 (39%) com sangue visível no dispositivo. Durante procedimentos com agulhas e/ou processamento de materiais, foram registrados 18 (39%) acidentes, seguindo-se o manuseio de lixo e/ou dispensador de perfurocortantes com 10 (22%) casos. O re-encape de agulha foi responsável por 7 (15%) dos acidentes. A maioria dos profissionais – 28 (61%) – informou que usava equipamento de proteção individual (EPI) no momento do acidente. Na avaliação quanto à infectividade do paciente-fonte, 33 (72%) tiveram sorologia negativa para HIV, determinada por exames prévios ou teste rápido no momento do acidente. A fonte foi desconhecida em 11 (24%) dos casos; em dois, a fonte foi positiva para HIV.</p> <p>A profilaxia não foi indicada na maioria dos casos (84,8%). Em sete</p>

				<p>casos foi instituída a profilaxia antirretroviral, onde os acidentes ocorreram por via percutânea, sendo dois de fonte HIV positiva e cinco de fonte desconhecida. Não houve soroconversão para HIV nos dois acidentes cujas fontes eram HIV positivas e em nenhum dos demais casos acompanhados. Em relação a sífilis, hepatite B e hepatite C, também não foram registrados casos de soroconversão. Considerando todos os profissionais acidentados, 28% não tinham vacinação completa contra hepatite B no momento do acidente e 25 (54%) possuíam títulos protetores de Anti-HBs conhecidos. Sem estrutura para realizar busca ativa, a perda de seguimento a partir de 12 semanas do acidente foi de oito profissionais (17%).</p>
--	--	--	--	--

ARTIGO/ AUTOR/ANO	OBJETIVO	AMOSTRA	PROCEDIMENTO	RESULTADO
<p>Acidentes de trabalho com material perfuro cortante envolvendo profissionais de enfermagem de unidade de emergência hospitalar.</p> <p>SIMÃO, Suzana de Almeida Fráguas; SOARES, Cátia Regina Garcia; SOUZA, Vanessa de; BORGES, Rhiva Alves Amaral; CORTEZ, Elaine Antunes. 2010.</p>	<p>Identificar e analisar a ocorrência de acidentes de trabalho com material perfuro cortante, entre a equipe de enfermagem, na emergência hospitalar.</p>	<p>101 profissionais da área da enfermagem que atuam diretamente no serviço de emergência, sendo: 60 auxiliares, 16 técnicos e 25 enfermeiros.</p>	<p>Questionário semi estruturado, contendo dados de identificação e questões referentes ao acidente de trabalho tais como: agentes causadores; o procedimento executado no momento do acidente; imunização dos profissionais; utilização de medidas de segurança em procedimentos que oferecem riscos de respingo, formação de aerossóis, secreção e fluidos corpóreos. A coleta de dados ocorreu no período de 22 de julho a 22 de setembro de 2008</p>	<p>43,6% dos funcionários sofreram acidentes de trabalho com materiais perfuro cortantes, sendo a agulha oca (68,2%) o objeto mais associado, seguido pelo scalp/jelco (22,7%) e pela lamina de bisturi (4,5%).</p> <p>Quanto aos fluidos orgânicos envolvidos, foi possível verificar que o sangue esteve presente em 82,6% dos acidentes, seguido da urina em 8,7% e de outros fluidos em 8,7%.</p> <p>O reencape de agulhas predominou entre os acidentes (38,6%), seguido por seguido por movimentação do paciente (29,5%), pelos acidentes ocasionados por terceiros (22,7%), pelo descarte inadequado (4,7%) e pela ausência ou uso inadequado de EPI (4,5%).</p> <p>Quanto aos fatores de contribuição para ocorrência de acidentes o mais prevalente foi a necessidade de agilidade na execução das atividades rotineiras (57,7%), seguido pelo cansaço físico e mental (23,1%), pela ausência de EPI (11,5%) e pouca experiência profissional (7,7%).</p>

ARTIGO/ AUTOR/ANO	OBJETIVO	AMOSTRA	PROCEDIMENTO	RESULTADO
<p>Fatores associados aos acidentes biológicos entre profissionais de enfermagem.</p> <p>SIMÃO, S. A. F.; SOUZA, V.; BORGES, R. A.; SOARES, C. R. G.; CORTEZ, E. A.</p> <p>2010.</p>	<p>Investigar fatores ligados à ocorrência de acidentes com material biológico entre profissionais de enfermagem atuantes em unidade de emergência.</p>	<p>101 profissionais de enfermagem, sendo 60 auxiliares, 16 técnicos e 25 enfermeiros.</p>	<p>Utilizou-se um roteiro estruturado elaborado com base na literatura pertinente e vivência das autoras. Os dados coletados foram: causas do acidente, carga horária e motivos citados como relevantes para tais ocorrências. Foi realizado em um hospital geral público da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, de agosto a setembro de 2008</p>	<p>Em relação aos fatores contribuintes à ocorrência dos acidentes 57,7% dos entrevistados relacionou à necessidade de agilidade na execução das atividades, 23,1% ao cansaço físico e mental, 11,5% à ausência de EPI e 7,7% a pouca experiência profissional. Quanto à carga horária de trabalho, é importante ressaltar que 52,3% dos profissionais realizam plantão de 24 horas, 45,4% plantão de 12 horas e apenas 2,3% plantão de seis horas.</p> <p>No que concerne às causas dos acidentes mostra ser o re-encape (38,6%), seguido por movimentação do paciente no leito (29,5%), ocasionados por terceiros (22,7%), por descarte inadequado (4,5%) e ausência ou uso inadequado de EPI (4,6%).</p>

ARTIGO/ AUTOR/ANO	OBJETIVO	AMOSTRA	PROCEDIMENTO	RESULTADO
<p>Acidentes ocupacionais com material biológico e equipe de enfermagem de um hospital escola.</p> <p>GOMES, Ana Carolina; AGY, Lívia Loureiro; MALAGUTI, Silmara Elaine; CANINI, Silvia Rita Marin da Silva; CRUZ, Elaine Drehmer de Almeida ; GIR, Elucir.</p> <p>2009.</p>	<p>Avaliar a ocorrência dos acidentes com material biológico potencialmente contaminado ocorrido entre trabalhadores da equipe de enfermagem em um hospital de ensino de grande porte do interior paulista.</p>	<p>56 profissionais de enfermagem que se acidentaram e procuraram atendimento em um laboratório especializado em atendimento ao profissional de saúde exposto a material biológico entre o período de 01 de julho a 31 de dezembro de 2006. Entre os profissionais 73,2% eram auxiliares e 26,6% enfermeiros.</p>	<p>Análise documental. A coleta de dados foi realizada por meio de consulta aos prontuários de trabalhadores de enfermagem utilizando um roteiro semiestruturado. As questões pesquisadas foram: dados do profissional, situação como ocorreu o acidente, o tipo de material envolvido e dados do paciente fonte.</p>	<p>94,6% eram do sexo feminino, 5,4% do masculino. Em relação à faixa etária, 17,9% tinham entre 20 e 29 anos; 30,4% entre 30 e 39 anos; 13 (21,4%) entre 40 e 49 anos e 30,4% idade maior ou igual a 50 anos. Quanto a tempo de experiência 42,9% atuavam há 5 anos ou menos, 30,4% entre 6 e 10 anos e 15 26,8% acima de 11 anos. 85,7% exposições foram percutâneas e 8 (14,3%) cutâneo-mucosas. Ocorrência: 26,8% durante a realização de punção venosa/arterial, 23,3% na administração de medicamentos, 10,7% durante a realização de glicosimetria, 10,7% no manuseio de dispositivos de acesso venosos, 8,9% durante a limpeza de materiais, 7,1% na prática de reencape de agulhas utilizadas, 8,9% objetos como vidros, lâminas de barbear e 3,6% não havia informação.</p>

ARTIGO/ AUTOR/ANO	OBJETIVO	AMOSTRA	PROCEDIMENTO	RESULTADO
<p>Acidentes com material biológico: a realidade de uma instituição hospitalar no interior paulista.</p> <p>MAGAGNINI, Maristela Aparecida Magri; AYRES, Jairo Aparecido.</p> <p>2009.</p>	<p>Caracterizar os profissionais da equipe de enfermagem de uma instituição hospitalar do interior paulista que sofreram acidente com material biológico no período de 2001 a 2006 e verificar a ocorrência de soroconversão pelos vírus das hepatites B e C e HIV, por meio de exames comprobatórios.</p>	<p>87 profissionais da equipe de enfermagem envolvendo enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem acometidos por acidente de trabalho com material biológico.</p>	<p>Foram coletados dados da Ficha de Notificação de Acidentes Biológicos com Profissionais da Saúde (FNABPS). Essas fichas continham dados relacionados à instituição, à identificação dos acidentados e às características do acidente, no período de 2001 e 2006.</p>	<p>A maior frequência dos acidentes foi nas unidades de clínica médico-cirúrgica (31,0%), pronto-socorro (21,0%) e clínica pediátrica (9,2%). A maioria dos acidentes (71,2%) ocorreu com trabalhadores do sexo feminino e apenas 28,7% com o masculino. A média no período estudado foi de 318 funcionários, sendo 264 do sexo feminino e 54 do masculino. Ao se analisar a frequência de acidentes segundo sexo, o masculino foi o que mais se acidentou: 46,30% contra 23,50% do feminino. Quanto ao número total de trabalhadores, o sexo masculino se acidentou mais que o feminino.</p> <p>Segundo a categoria profissional, foram acidentados 51 (58,6%) auxiliares de enfermagem, 28 (32,2%) técnicos de enfermagem e 8 (9,2%) enfermeiros.</p> <p>Quanto ao material biológico envolvido, o sangue contribuiu em 80,5% (70) e o sangue com fluido em 19,5% (17).</p> <p>Em relação ao tipo de exposição, a lesão percutânea foi a que predominou nos acidentes (82,8%), seguida do envolvimento de mucosas por meio de exposição a fluidos (16,0%), distribuído da seguinte forma: ocular (12,6%), oral (2,3%), nasal (1,1%) e pele íntegra (1,1%).</p> <p>Quanto aos agentes causadores verificou-se maior porcentagem envolvendo agulha com lúmen (67,8%). Quanto à exposição de mucosa e pele íntegra a fluidos com sangue, foram 17,2% e outros, como vidraria, lâmina de bisturi e agulha sem lúmen, 15%.</p> <p>Quanto ao uso de EPI, 66 (75,9%) dos profissionais acidentados</p>

				<p>utilizavam-no e 21 (1) não o faziam. Pelos resultados, constatou-se que 75,9% dos acidentados estavam usando o EPI no momento do acidente; desses, alguns utilizavam mais de um equipamento, sendo que 72,4% dos trabalhadores acidentados utilizavam luvas de procedimentos.</p> <p>Dos 87 acidentes de trabalho com a equipe de enfermagem envolvendo material biológico, 8 pacientes eram portadores de patologias como HIV, hepatite B e C. Em dois casos houve exposição de mucosa ocular, sendo que um paciente era portador de hepatite C e outro HIV. Os outros seis acidentes foram causados por lesão cutânea. Entre os pacientes, um era portador do HBV e cinco eram portadores do HIV, sendo que um era coinfestado com HIV e HCV. Em relação à hepatite B, o trabalhador acidentado encontrava-se com esquema completo de imunização em relação a esse vírus. Dos acidentados com portadores de HIV quatro submetidos a exames laboratoriais e quimioprofilaxia antirretroviral. Um profissional se recusou a quimioprofilaxia antirretro viral para HIV. Outro funcionário não deu seguimento médico ao acidente, e, portanto, não recebeu a quimioprofilaxia antirretroviral para o HIV.</p>
--	--	--	--	---

ARTIGO/ AUTOR/ANO	OBJETIVO	AMOSTRA	PROCEDIMENTO	RESULTADO
<p>Fatores de risco dos distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalhador de enfermagem.</p> <p>MOREIRA; Adriana Maria Rodrigues. MENDES; René.</p> <p>2005.</p>	<p>Identificar os fatores de risco dos distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho de enfermagem em um hospital universitário.</p>	<p>43 profissionais de enfermagem, sendo 11,62% enfermeiros, 83,72% auxiliares de enfermagem e 4,65% exercendo a função de Auxiliar de Serviços de Saúde.</p>	<p>Utilizou-se como instrumento para a coleta de dados, um formulário composto por 38 perguntas (fechadas e abertas) que contemplavam todas as variáveis do estudo. Os dados foram coletados no período de Janeiro de 1999 a Agosto de 2001.</p>	<p>88,37% sexo feminino predominância do sexo feminino (88,37%) com média de idade de 42,2 anos.</p> <p>Turno de trabalho, 34,88% trabalhavam no período diurno e 30,223% no período noturno. Quanto ao ritmo de trabalho, 65,12% dizem que trabalham em ritmo acelerado; 32,56% em ritmo normal e 2,32% ritmo lento.</p> <p>Pausas para descanso, 11,63% relataram nunca ser possível realizá-las e 76,74% realiza pausa apenas quando possível. Os resultados mostram que 48,85% avaliam o trabalho em equipe de forma integrada. Em relação ao tratamento dispensado pela chefia imediata 67,44% considera justo.</p> <p>Entre as atividades que demandam esforço físico 44,19% mencionaram a mobilização de materiais, equipamentos, instrumentos; e 41,86% citaram o transporte de pacientes. Quanto a mobilização de materiais a utilização de carrinho de curativos, macas, cadeiras com rodas emperradas foram mencionados por 26,31% dos entrevistados; e leitos com grades emperradas – referidos por 31,58%. Quanto a outras atividades que demandam esforço físico o ato de escrever foi citado por 64,28% e a deambulação excessiva em 57,14%.</p> <p>86% referiu não dispor de cadeira ajustável, 81,40% mesa ou bancada que proporcionassem boa postura e armários que pudessem ser alcançados sem esforço; 51,16% que a temperatura do ambiente não era satisfatória.</p>

DISCUSSÃO

Nesse estudo foram incluídos dez artigos sobre os acidentes de trabalho ocorridos com trabalhadores de enfermagem. Quanto aos objetivos, quatro artigos caracterizaram e/ou avaliaram os acidentes com material biológico (GUILARDE et al, 2010, GOMES et al, 2009, MAGAGNINI e AYRES, 2009, SIMÃO et al, 2010b). Dois dos artigos tiveram como objetivos identificar e analisar a ocorrência de acidentes de trabalho com material perfurocortante (MARZIALE; NISHIMURA; FERREIRA, 2004; SIMÃO et al; 2010a). Dois artigos objetivaram pesquisar os acidentes relacionados aos distúrbios osteomusculares, um visou identificar os fatores de risco dos distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho de enfermagem (MOREIRA, MENDES; 2005), e o outro apresentou como objetivo identificar os diagnósticos médicos relacionados ao sistema osteomuscular (MUROFUSE, MARZIALE, 2005). Costa e Felli (2005) visaram identificar a exposição à carga química e evidenciar os problemas de saúde percebidos pelos trabalhadores na interação com essa carga. O estudo de Nishide, Benatti e Alexandre (2004) visou identificar os acidentes ocorridos e verificar a sua relação com o procedimento executado.

A amostra dos artigos pesquisados variou de 30 (MARZIALE, NISHIMURA, FERREIRA, 2004) a 4307 (MUROFUSE E MARZIALE, 2005) trabalhadores de enfermagem. Alguns estudos especificaram as categorias de trabalhadores e incluíram enfermeiros, auxiliares de enfermagem e técnicos de enfermagem (NISHIDE, BENATTI, ALEXANDRE, 2004; SIMÃO et al, 2010a; SIMÃO et al, 2010b, MAGAGNINI e AYRES, 2009,). Além dessas categorias, os estudos incluíram os atendentes de enfermagem (MUROFUSE, MARZIALE, 2005) e outros profissionais de saúde (GUILARDE et al, 2010; MOREIRA e MENDES, 2005). Cabe destacar que três estudos não especificaram as categorias de enfermagem (COSTA E FELLI, 2005; GOMES et al, 2009; MARZIALE; NISHIMURA; FERREIRA, 2004).

Entre os profissionais de saúde, os que estão mais suscetíveis aos riscos ocupacionais são os trabalhadores de Enfermagem. Segundo Cavalcante et al,

(2006) no ambiente hospitalar, sempre há riscos que atingem mais comumente os trabalhadores que lidam diretamente com o paciente. O pessoal de enfermagem por permanecer mais tempo nesse ambiente, realizando a maioria dos procedimentos em contato direto com o paciente, está mais frequentemente exposto aos riscos ocupacionais existentes.

Em relação aos dados sócio-demográficos dos entrevistados, cabe ressaltar que quatro artigos não incluíram estes dados (COSTA E FELLI, 2005; MUROFUSE, MARZIALE, 2005; SIMÃO et al, 2010a; SIMÃO et al, 2010b). A faixa etária dos trabalhadores de enfermagem variou, sendo de 20 a 50 anos no estudo de Gomes et al, (2009), e de 30 a 40 anos no estudo de Nishide, Benatti e Alexandre (2004). Em relação ao sexo dos entrevistados constatou-se um predomínio do sexo feminino (GOMES et al, 2009). O predomínio de mulheres na enfermagem vem de uma cultura de uma profissão que nasceu sob o abrigo e amparo feminino, profissão esta que representava uma extensão dos cuidados dispensados no lar e das representações de um feminino dócil, apto a desempenhar o papel de cuidadora (SCHMIDT E DANTAS, 2006). Apenas o estudo de Nishide, Benatti e Alexandre (2004) incluiu o estado civil dos entrevistados, sendo 50% destes casados.

Os estudos utilizaram diversos métodos para a coleta dos dados, sendo que a maioria optou pela elaboração de um questionário estruturado (NISHIDE, BENATTI, ALEXANDRE, 2004; COSTA, FELLI, 2005; GUILARDE et al, 2010; SIMÃO et al, 2010a, SIMÃO et al, 2010b; MOREIRA e MENDES, 2005). Cabe destacar que estes questionários abordaram aspectos diferentes. Outros estudos utilizaram dados coletados da Ficha de Notificação de Acidentes Biológicos com Profissionais da Saúde (FNABPS) (MAGAGNINI e AYRES, 2009), da Comunicação de Acidentes de Trabalho (CAT) (MARZIALE, NISHIMURA, FERREIRA, 2004) e dos prontuários médicos dos trabalhadores (MUROFUSE e MARZIALE, 2005; GOMES et al, 2009). Ressalta-se que esta diversidade de métodos utilizados para coleta dos dados dificulta a comparação dos resultados obtidos, mas não compromete o propósito deste estudo.

Os resultados dos estudos serão discutidos a partir de sua relação com: 1) material biológico, 2) material perfurocortante, 3) distúrbios osteomusculares, e 4) carga química. Será também discutido o artigo que aborda a relação do acidente com o procedimento executado (NISHIDE, BENATTI, ALEXANDRE, 2004).

Quanto aos resultados relacionados aos acidentes com material biológico, os estudos apontaram como causas mais frequentes o re-encape 38,6% (SIMÃO et al, 2010b) e 15% (GUILARDE et al, 2010); movimentação do paciente no leito 29,5%(SIMÃO et al, 2010b); acidentes ocasionados por terceiros 22,7% (SIMÃO et al, 2010b), descarte inadequado 22% (GUILARDE et al, 2010) e 4,5% (SIMÃO et al, 2010b); ausência ou uso inadequado do Equipamento de Proteção Individual (EPI) 28,5% (GOMES et al, 2009) e 4,6% (SIMÃO et al, 2010b). Quanto ao Equipamento de Proteção Individual 75,9%, 61% e 60,8% dos entrevistados, nos estudos de Magagnini e Ayres, (2009), Guilarde et al. (2010) e Gomes et al, (2009), respectivamente, informaram que usavam este equipamento no momento do acidente. Segundo os resultados do estudo de Magagnini e Ayres, (2009), as luvas são os equipamentos mais utilizados nos procedimentos da equipe de enfermagem. Corroborando com esse resultado Damasceno et al (2006) destacam entre as causas de acidentes a não observação das medidas de prevenção e o excesso de autoconfiança (DAMASCENO et al, 2006). Ainda segundo estes autores, o uso dos EPIs garantem o mínimo exigido dos padrões de segurança aos profissionais de saúde, prevenindo ocorrências de acidentes com material biológico. Entretanto, os autores ressaltam que pesquisas têm demonstrado a resistência destes profissionais na adoção correta de medidas preventivas como o uso dos EPIs, que frequentemente, são utilizados de maneira inapropriada, quando não usados.

Em relação ao material biológico envolvido Magagnini e Ayres (2009) destacaram o sangue (80,5%) e o sangue com fluído (19,5%). Quanto às situações de ocorrência relacionadas às exposições, 26,8% foram durante a realização de punção venosa/arterial; 23,3% na administração de medicamentos; 10,7% durante a realização de glicosimetria; 10,7% no manuseio de dispositivos de acesso venosos; 8,9% durante a limpeza de

materiais; e 7,1% na prática de reencape de agulhas utilizadas (GOMES et al., 2009). Estudo realizado por Canalli, Moriya e Hayashida, (2010), evidenciaram que os acidentes ocorreram enquanto os trabalhadores realizavam a retirada de punção venosa/soro em 18,2% dos casos e ao puncionar ou coletar sangue 16,4%. Entre os acidentes percutâneos, os referidos autores relataram que as atividades realizadas correspondem ao descarte de agulhas, realização de glicosimetria, retirada da punção venosa, administração de medicação e reencape agulha.

Simão et al. (2010b) destacaram alguns fatores que contribuíram para ocorrência dos acidentes como: necessidade de agilidade na execução das atividades (57,7%), cansaço físico e mental (23,1%); ausência de EPI (11,5%) e pouca experiência profissional (7,7%). Considerando a experiência profissional Gomes et al. (2009) ressaltaram que na sua pesquisa que 40% dos profissionais acidentados tinham menos de 5 anos de prática. Em relação ao cansaço físico e mental Rosa et al. (2007) enfatizaram que como os profissionais de enfermagem estão sujeitos a grande carga de trabalho físico, períodos de trabalho noturno e plantões, podem apresentar alterações no bem-estar geral, culminado na fadiga.

Quanto à localização espacial, a maior frequência dos acidentes foi nas unidades de clínica médico-cirúrgica 30% e 31,0%, respectivamente nos estudos de Guilarde et al, (2010) e Magagnini e Ayres, (2009); seguido pelo pronto-socorro com 21,0% (MAGAGNINI e AYRES, 2009) e 11% (GUILARDE et al, 2010). Outras unidades citadas foram a Maternidade com 11% (GUILARDE et al, 2010) e a clínica pediátrica com 9,2% (MAGAGNINI e AYRES,2009).

Quanto aos resultados relacionados com material perfurocortante 90% ocorreram com trabalhadores do sexo feminino e 10% do sexo masculino no estudo de Marziale, Nishimura, Ferreira (2004).

Em relação aos agentes causadores dos acidentes, os objetos mais frequentemente associados foram a agulha 68,2% e 89,4% nos estudos de

Simão et al. (2010 a) e Marziale, Nishimura, Ferreira (2004), respectivamente; seguido pelo scalp/jelco (22,7%) (SIMÃO et al, 2010a).e pela lâmina de bisturi 4,5% e 6,4% (SIMÃO et al, 2010a; MARZIALE; NISHIMURA; FERREIRA, 2004). Tais dados foram confirmados pelos estudos de Shimizu e Ribeiro (2003), que demonstram um predomínio de acidentes causados por agulhas.

Quanto a causa relacionada ao momento dos acidentes o reencape de agulhas predominou (38,6%), seguido por movimentação do paciente (29,5%), pelos acidentes ocasionados por terceiros (22,7%), pelo descarte inadequado (4,7%) e pela ausência ou uso inadequado de EPI em 4,5%, (SIMÃO et al, **2010a**). Estes resultados vão de encontro aos estudos de Shimizu e Ribeiro (2003), que citam a ocorrência de acidentes devido à prática de reencape de agulhas antes do descarte, luvas de procedimentos maiores que o tamanho das mãos e agitação psicomotora do paciente. No estudo de Marziale, Nishimura, Ferreira (2004), o maior número de acidentes ocorreu durante a execução da punção venosa, seguida pela administração de medicação subcutânea e a soroterapia.

Quanto aos fluidos orgânicos envolvidos, foi possível verificar que o sangue esteve presente em 82,6% dos acidentes, seguido da urina em 8,7% e de outros fluidos em 8,7% (SIMÃO et al, 2010a). Valores aproximados foram encontrados em pesquisa com estudantes de enfermagem, onde o sangue também foi considerado o material biológico mais envolvido com 72,7% e a urina com 10,9% (CANALLI, MORIYA e HAYASHIDA, 2010).

Os dois estudos que abordaram as Doenças do Sistema Osteomuscular relacionadas ao trabalho apresentaram objetivos diferentes, conforme já destacado, portanto os resultados enfocaram aspectos também diferentes, o que dificulta a comparação dos dados.

Moreira e Mendes (2005) destacaram os fatores de risco de natureza organizacional (turno, ritmo e pausas), psicossocial (equipe, chefia imediata) e ergonômica (atividades realizadas que demandam esforço físico, mobilização de materiais, característica do posto de trabalho, vínculo empregatício, realização de atividade física aeróbica). Murofuse e Marziale (2005) enfatizaram nos resultados os atendimentos realizados na Divisão de

Assistência à Saúde do Trabalhador, os diagnósticos médicos registrados e as doenças relacionadas.

Segundo Moreira e Mendes (2005) em relação ao ritmo de trabalho, 65,12% dos entrevistados informaram trabalhar em ritmo acelerado; 32,56% em ritmo normal e 2,32% ritmo lento. Pausas para descanso, 11,63% relataram nunca ser possível realizá-las e 76,74% realiza pausa apenas quando possível.

Quanto ao trabalho em equipe, os resultados apontaram que é realizado pela maioria dos trabalhadores e permite a troca de experiências em favor da recuperação da saúde do cliente.

Entre as atividades que demandam esforço físico 44,19% mencionaram a mobilização de materiais, equipamentos, instrumentos; e 41,86% citaram o transporte de pacientes. Quanto a mobilização de materiais, a utilização de carrinho de curativos, macas, cadeiras com rodas emperradas foram mencionados por 26,31% dos entrevistados; e leitos com grades emperradas foram referidos por 31,58%. Outras atividades mencionadas foram o ato de escrever (64,28%) e a deambulação excessiva (7,14%) (MOREIRA e MENDES, 2005). Dados semelhantes foram encontrados em pesquisa em hospital onde enfermeiros e auxiliares de enfermagem justificaram as lombalgias e problemas de visão por esforços de auxílio ao paciente com dificuldade de locomoção e até de levantar-se do leito, a passagem de macas ao leito e vice-versa, as jornadas longas de trabalho, os horários noturnos, a iluminação artificial predominante, a deambulação com posições viciosas e os movimentos repetitivos (OLIVEIRA e MUROFUSE, 2001). A realização de práticas de forma repetitiva e prolongada promove o aparecimento de fadiga muscular e, por conseguinte, o aparecimento de lesões (Brasileiro, 2005).

Segundo Murofuse e Marziale (2005), entre as doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo as mais comumente relatadas foram as artroplastias (16,6%), as dorsopatias (50,7%) e os transtornos dos tecidos moles (27,5%), que, conjuntamente, representaram quase que a totalidade (94,8%) das patologias.

Um quarto grupo de agentes discutido nos resultados são as cargas químicas. Os riscos químicos são os gerados pelo manuseio de uma variedade grande de substâncias químicas e também pela administração de medicamentos que podem provocar desde simples alergias até importantes neoplasias (XELEGATI, ROBAZZI, 2003). O estudo de Costa e Felli (2005) agrupou três tipos de substâncias as quais os trabalhadores de enfermagem foram expostos. No primeiro tipo destacaram-se os sabões (70,47%), no segundo tipo o álcool (52,33%), e no terceiro tipo as poeiras (28,37%) e no quarto tipo, o látex das luvas (18,14%).

O estudo de Nishide, Benatti, Alexandre, (2004) abordou os acidentes de trabalho ocorridos em uma Unidade de Terapia Intensiva e a relação do acidente com o procedimento executado. Dos entrevistados 63% eram auxiliares de enfermagem. Em relação aos acidentes, 40% ocorreu com materiais perfurocortantes, 40% dos acidentes perfurante com agulhas, 7% dos acidentes foi devido ao piso molhado, 60% dos acidentes ocorreram durante a realização de procedimentos a beira do leito, 23% posto de enfermagem, 10% desprezando excretas no vaso sanitário e 7% no corredor por piso molhado. Em estudo similar, foi relatada a ocorrência de acidente provocado por chão molhado e escorregadio, com grande impacto nas condições de saúde dos trabalhadores (BENATTI e NISHIDE, 2000). Os resultados mostram que em relação aos EPI's no momento dos acidentes, 40% faziam uso e 60% não o utilizavam. O motivo mais significativo alegados pelos trabalhadores de enfermagem que referiram nem sempre utilizar o EPI ou não utilizar foi pela falta de hábito e/ou disciplina.

CONCLUSÃO

A partir da discussão apresentada, conclui-se que os acidentes de trabalho com a equipe de enfermagem em hospitais no Brasil envolvem inúmeros agentes causadores e diversos cenários da estrutura hospitalar. E como estes acidentes de trabalho constituem um importante problema de saúde pública em todo o mundo, no Brasil, este tema precisa ser mais estudado para que estratégias factíveis de enfrentamento sejam abordadas nas políticas públicas.

Os estudos apontaram a importância dos equipamentos de proteção individual para evitar ou minimizar os acidentes. Portanto, é preciso haver concentração de esforços e recursos para mudanças no ambiente de trabalho, com a implementação de programas de prevenção e conscientização de práticas seguras e o fornecimento, de forma contínua e uniforme, dos dispositivos de segurança para todos os trabalhadores.

Torna-se ainda necessário rever as condições desgastantes de trabalho dos profissionais da enfermagem relacionadas à alta exigência e ao acúmulo de carga horária, condições estas que muitas vezes propiciam situações de acidentes laborais.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, V. Promoção da actividade física em meio laboral. In: **Saúde Desporto e Enfermagem**. Coimbra: Formasau, Formação e Saúde, 2005.

CANALLII, R. T. C.; MORIYA, T. M.; HAYASHIDA, M. Acidentes com material biológico entre estudantes de enfermagem. **Revista de enfermagem**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v18n2/v18n2a16.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

CAVALCANTE, C. A. A.; ENDERS B. C.; MENEZES, R. M. P.; MEDEIROS S. M. Riscos ocupacionais do trabalho em enfermagem: uma análise contextual. **Ciência, cuidado e saúde**, Maringá, v. 5, n. 1, p. 88-97, jan./abr. 2006.

COSTA, T. F.; FELLI, V. E. A. Exposição dos trabalhadores de enfermagem às cargas químicas em um Hospital público universitário da cidade de São Paulo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 4, p. 501-508, jul./ago. 2005.

DAMASCENO, A. P. *et al.* Acidentes ocupacionais com material biológico: a percepção do profissional acidentado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 59, n.1, p. 72-77, jan./fev. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n1/a14v59n1.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2011.

GOMES, M. **Avaliação da atividade neuromuscular dorsal e lombar em enfermeiros em três posicionamentos de doentes com acidente vascular cerebral**. 2009. Tese (Mestrado). Faculdade de Medicina, Faculdade de Coimbra. Coimbra, 2009.

GOMES, A. C. *et al.* Acidentes ocupacionais com material biológico e equipe de enfermagem de um hospital escola. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, p. 220-223, abr./jun. 2009.

GUILARDE, A. O. *et al.* Acidentes com material biológico entre profissionais de hospital universitário em Goiânia. **Revista e Patologia Tropical**, v. 39, n. 2, p. 131-136, abr.-jun. 2010.

MAGAGNINI, M. A. M; AYRES, J. A. Acidentes com material biológico: a realidade de uma instituição hospitalar no interior paulista. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 123-130, jan./mar. 2009.

MARZIALE, M. H. P.; NISHIMURA, K. Y. N.; FERREIRA, M. M. Riscos de contaminação ocasionados por acidente de trabalho com material perfurocortante entre trabalhadores de enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.12, n.1, jan./feb. 2004.

MOREIRA; A. M. R. MENDES; René. Fatores de risco dos distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalhador de enfermagem. **Revista de Enfermagem da UERJ**, v.13, p. 19-23, 2005.

MUROFUSE, N. T.; MARZIALE, M. H. P. Doenças do Sistema Osteomuscular em trabalhadores de enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.13, n.3, may./jun. 2005.

NISHIDE, V. M.; BENATTI, M. C. C.; ALEXANDRE, N. M. C. Ocorrência de Acidente do Trabalho em Uma Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.12, n.2, Mar./Abr. 2004.

ROSA, P. L. F. S. *et al.* Percepção da duração do sono e da fadiga entre trabalhadores de enfermagem. **Revista de enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n1/v15n1a16.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

SCHMIDT, D. R. C.; DANTAS, R. A. S. Qualidade de vida no trabalho de profissionais de enfermagem, atuantes em unidades do bloco cirúrgico, sob a ótica da satisfação. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.14, n.1, Jan./Feb. 2006. Disponível em: <www.eerp.usp.br/rlaenf>. Acesso em: 20 jun. 2011.

SIMÃO, S. A. F. Acidentes de trabalho com material perfurocortante envolvendo profissionais de enfermagem de unidade de emergência hospitalar. **Rev. enferm. UERJ**, v.18, n.3, p.400-404, jul.-set. 2010.

SIMÃO, S. A. F. *et al.* Fatores associados aos acidentes biológicos entre profissionais de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 87-91, jan./mar. 2010.

XELEGATI, R.; ROBAZZI M. L. C. C. Riscos químicos a que estão submetidos os trabalhadores de enfermagem: uma revisão de literatura **Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]**. v. 11, n. 3, p. 350-356, 2003. Disponível em: <www.eerp.usp.br/rlaenf>. Acesso em: 20 jun. 2011.